

# Vai uma cloroquina aí? A mobilização de enquadramentos sobre a cura da Covid-19

*Hey, want some chloroquine? Framing process in relation to the cure of Covid-19*

Thatiane Faria Oliveira Moreira<sup>a</sup>  e Andrei Koerner<sup>b</sup> 

**Resumo** No campo digital, uma crença coletiva ganha mais plausibilidade por meio da crescente repetição na rede discursiva. Isso ocorre graças à prevalência de apelos emotivos e opiniões pessoais frente aos fatos. Deste modo, a legitimidade do discurso digital está associada à sua circulação (visibilidade). Considerando essa premissa, o objetivo deste artigo é compreender como se comportam as redes bolsonaristas no Twitter, junto a como os atores que se denominam “bolsonaristas” se apropriam, disputam e mobilizam discursos sobre a eficácia da cloroquina na cura da Covid-19 de modo a negociar significados e promover engajamento. Este artigo levanta duas hipóteses: (i) a rede de apoio à cloroquina no Twitter, no período analisado, é mais *clusterizada* – ou seja, os nós estão mais agrupados –, se em comparação à rede dos que se opõem à cloroquina no combate da Covid-19; e (ii) a defesa da cloroquina, para além de argumentos técnicos, diz respeito a uma escolha política. Para testar as hipóteses, uma análise de redes sociais (ARS) e uma análise de enquadramento interpretativo foram realizadas. No artigo, são apresentados os resultados de pesquisa a partir de uma base de dados de retuítes dos dias 06 e 08 de julho de 2020. Os resultados das análises confirmam as hipóteses.

**Palavras-chave** Redes digitais. Enquadramento. Bolsonarismo. Cloroquina. Covid-19.

**Abstract** *In the digital field, a collective belief gains more plausibility through the growing repetition in a discursive network. This happens because of the prevalence of emotional appeals and personal opinions versus the facts. Thus, the legitimacy of digital discourse is associated with circulation (visibility). Considering this premise, the objective of this article is to understand how the “bolsonaristas” networks behave on Twitter, as well as how the actors who call themselves “bolsonaristas” own, dispute and mobilize discourses about the effectiveness of chloroquine in the cure of Covid-19 to negotiate meanings and promote engagement. This article raises two hypotheses:*

- 
- a Pós-graduada em administração de empresas pela FGV, possui bacharelado em Ciências Sociais, além de bacharelado e licenciatura em Filosofia, ambos pela Universidade Estadual de Campinas.  
b Professor associado do DCP/IFCH-Unicamp, pesquisador do Ceipoc/IFCH-Unicamp, e coordenador do Grupo de Pesquisas sobre Tecnologias Digitais e Sociedade do Cedec

*(i) the support network for chloroquine on Twitter is more clustered compared to the network against the efficacy of chloroquine in curing the Covid-19; and (ii) the defense of chloroquine, beyond technical arguments, concerns a political choice. To test the hypotheses, a social network analysis (ARS) and an interpretive framework analysis were performed. The article presents the research results from a database of retweets from the 6th and the 9th of July 2020. The results confirm the hypotheses.*

**Keywords** Digital Networks. Framing. Bolsonarismo. Chloroquine. Covid-19

## INTRODUÇÃO

Ao longo da segunda década dos anos 2000, mais precisamente entre 2013 e 2015, ocorreu no Brasil o ressurgimento das manifestações de rua por grupos de direita, que desde a redemocratização não apresentavam tamanha força<sup>1</sup> (Rocha, 2018; Sturari, 2020; Zanini, 2019; Tatagiba, Trindade, Teixeira, 2015; Telles, 2017).

No caso brasileiro, o conservadorismo e as ideias à direita do espectro político começam a ganhar visibilidade pública nas manifestações de 2013<sup>2</sup> e se fortaleceram nas manifestações de 2015 (Rocha, 2018), descobrindo o caminho das ruas e ganhando crescente espaço nas redes sociais (Rocha, 2018). Segundo Rocha (2018), “foram justamente estes novos grupos de militantes, formados a partir da internet, que deram origem à Campanha Pró-Impeachment (2014-2016)” de Dilma Rousseff e tiveram atuação preponderante no “fortalecimento da candidatura do militar da reserva Jair Bolsonaro à presidência da República”<sup>3</sup> (Rocha, 2018, p.18).

Quando se trata da eleição de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores, denominados por alguns autores de bolsonaristas (Solano 2018, 2021, Cesarino 2019, Rocha, 2018; Lacerda, 2019), algumas das primeiras perguntas que vem à mente são: “o que é o ‘bolsonarismo’?”, “como entender este fenômeno?”

É importante ressaltar que não há um consenso na academia sobre como definir o bolsonarismo. Para este projeto, a partir da literatura específica (Solano,

1 Sobre a tomada das ruas pelos grupos de direita, dois pontos precisam ser ressaltados: o primeiro diz respeito ao fato do protagonismo recente das ideias politicamente à direita e do conservadorismo ser um processo amplo, que envolveu vários países do globo (Rocha, 2018); e o segundo, diz respeito ao debate na academia brasileira sobre a emergência ou não de uma “nova” direita (Alonso, 2017; Kaysel, 2015; Rocha, 2018).

2 De repertório inicialmente autonomista, as manifestações de 2013 passaram a incorporar diferentes demandas, algumas das quais se repetiam, tornando-se uma espécie de pauta capilar (Rocha, 2018), como o combate à corrupção. No decorrer das manifestações havia um campo progressista orientado por valores como igualdade e justiça, mas, por outro lado, surgiu um campo marcado pelo autoritarismo, conservadorismo cultural e uma visão liberal, representado, por exemplo, pelo MBL (Movimento Brasil Livre).

3 Solano (2021) em suas pesquisas com Pablo Ortellado e Lucia Nader, durante as manifestações pró-impeachment ao longo de 2015, já constatava as tendências antissistêmicas e antipartidárias presentes, além da percepção de Jair Bolsonaro como uma alternativa possível, o que a autora denominou de “pré-bolsonarização social”.

2021; Kalil, 2021; Rocha 2018, Lacerda, 2019, Cesarino, 2019), entendemos o fenômeno como algo que não se constrói apenas enquanto um elemento de negação da subjetividade política alheia, mas também como um elemento de empoderamento da subjetividade de direita (Solano, 2021; Kalil, 2021, Cesarino, 2019).

Trata-se de um enfoque político-social que se formou sobre elementos bastante consolidados das estruturas sociais brasileiras e que, por isso, deve ser entendido como algo maior do que a família Bolsonaro (Solano, 2018, 2021, Cesarino, 2019, Kalil, 2018; Nicolau, Cavalcante, Chaguri, 2019). Portanto, o bolsonarismo refere-se a um fenômeno compósito, um conjunto de tendências sociais, relativamente independentes entre si, que convergiram numa identidade político-social comum (Miguel, 2018; Solano, 2018, Kalil 2018, Cesarino, 2019).

As bases de formação do bolsonarismo se aproveitaram das oportunidades políticas (Tarrow, 2009 [1998]; Tilly, 2010) e discursivas existentes (della Porta e Caiani, 2018), isto é, da conjuntura política brasileira e da difusão de certos valores que possuíam respaldo na sociedade.

Assim, “[a] decepção com o PT, o descrédito do sistema político brasileiro em seu conjunto, a potência da narrativa anticorrupção da Operação Lava Jato” (Solano, 2021, p.52), o esvaziamento do PSDB, as crises econômicas (Hunter e Power, 2019) e o protagonismo dos militares (Leiner, 2020) forjaram o cenário propício para o fortalecimento desse fenômeno político, que dialoga com anseios de parte da população, como o discurso antissistêmico, antiesquerdismo, de combate ao inimigo, contra as pautas identitárias, em defesa da militarização e da moralização da esfera pública, pautada na cristianização e na família tradicional (Machado, Scalco, 2018; Nicolau, 2020; Solano, 2018; Lacerda, 2019; Corrêa e Kalil, 2020).

Para que as pautas destas novas direitas mobilizem e consigam adeptos é necessário conformar redes de conexão (della Porta & Caiani, 2018) que possibilitem a circulação dos discursos, a promoção de significados comuns e o entendimento sobre a urgência da ação. Daí a importância das redes digitais de interação, que permitem a rápida difusão de ideias de forma mais descentralizada e capilarizada (Boyd & Crawford, 2012).

O foco deste artigo recai, precisamente, sobre o uso das redes digitais na organização das estruturas de atenção para a construção de problemas públicos (Tarrow, 1997), na circulação dos discursos e no fortalecer do processo de identificação coletiva (Melucci, 2001). Para tanto, o texto está dividido, para além desta introdução e da conclusão, em três seções. Inicialmente serão apresentadas as principais teorias que fundamentaram a pesquisa, assim como a metodologia empregada, que envolve métodos de coleta de dados automatizados, uma análise de

rede (ARS) e uma análise de enquadramento interpretativo. Então, serão introduzidos e analisados os resultados obtidos através da análise de redes. Na sequência, apresentaremos e analisaremos os enquadramentos identificados na pesquisa. Por fim, na conclusão, discutiremos todos os resultados, levando em consideração seus limites e possibilidades, que podem ser exploradas em estudos futuros.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Para além dos debates sobre se o bolsonarismo seria ou não um movimento social, mobilizamos o arcabouço teórico dos movimentos sociais para analisar o bolsonarismo como um fenômeno político-social, que envolve a mobilização de enquadramentos, criação de significados e um processo de identificação que não se limita aos aspectos político-partidários.

Este artigo se embasou nas reformulações recentemente realizadas pela literatura (della Porta, 2018; Rocha, 2018, Solano, 2019) para investigar o enquadramento teórico dos chamados movimentos sociais de direita. Essas inovações teóricas mantêm os pressupostos estruturadores da chave “conflito-identidade-vínculos” da teoria clássica, mas redefinem sua implementação<sup>4</sup>, pois entendem que esses pressupostos são agora articulados a “outros repertórios de conflito, novos conteúdos de construção identitária e vínculos alternativos àqueles que conectam a sociedade civil” (Montevechi, 2021, p.2).

Para compreender como se comportam as redes bolsonaristas no Twitter e como os atores que se denominam bolsonaristas se apropriam, disputam e mobilizam discursos sobre a eficácia da cloroquina na cura da Covid-19 de modo a negociar significados e promover engajamento, o artigo realizou uma análise de redes em conjunto com uma análise de enquadramento interpretativo.

## ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS)

Segundo Recuero, Bastos e Zago (2015, p. 39), “a ARS refere-se a uma abordagem de cunho estruturalista das relações entre os atores e sua função na constituição da sociedade”. A abordagem de ARS utilizada no projeto é a dos grafos, que foca a “representação das relações sociais a partir de métricas matemáticas” (Recuero, Bastos e Zago, p. 48).

---

4 No caso dos movimentos da nova direita, assim como no bolsonarismo, os termos do conflito são reformulados, de modo que, diferente da análise clássica de Tarrow (2009), os “desafiantes” não são necessariamente desprovidos de poder (Rocha, 2018, Montevechi, 2021). No que diz respeito à definição de inimigo, há o reconhecimento da oposição enquanto algo que deve ser eliminado, assim como há uma divisão social entre quem seria o “cidadão de bem” e quem não poderia ser considerado desse modo (Solano, 2019).

Para estudar a estrutura dessas redes, utilizamos as métricas da análise de redes sociais (Degenne e Forsé, 1999), a partir de softwares de análise como o *Gephi5*. Nesse contexto, os nós das redes representam contas no Twitter e as conexões são os retuítes ou menções. Para esta análise, selecionamos métricas de nó e métricas de rede.

A métrica de nós utilizada, *Indegree* (grau de entrada), relaciona-se à medida de centralidade, buscando verificar quais nós foram mais centrais para as redes e por quê. O grau de entrada representa o número de conexões diretas que determinado nó recebe dos demais na sua rede. Em termos de conversação no Twitter, o grau de entrada está relacionado à quantidade de vezes que determinado ator é retuitado ou mencionado nos tuítes da rede. Nosso objetivo aqui foi selecionar os 25 nós mais influentes na rede, os quais foram submetidos a uma análise de enquadramento interpretativo.

Além da métrica utilizada para discutir a posição dos nós na rede, trabalhamos com o coeficiente de clusterização médio, para verificar a estrutura da rede. Essa métrica é utilizada para apontar o quanto um nó determinado tende a conectar-se com um grupo (Recuero, Bastos, Zago, 2015). Em nosso caso, o coeficiente de clusterização médio pode indicar o quão agrupados os nós estão entre si, bem como indicar também a presença de *clusters* (grupos de nós que se citam mutuamente).

Nosso objetivo com o uso do coeficiente de clusterização médio consistiu em verificar em qual rede a mensagem tende a ter maior reverberação dentro do grupo, se na rede dos defensores ou dos opositores ao uso da cloroquina no combate da Covid-19.

A circulação da mensagem dentro de grupos específicos (bolhas) fortalece a legitimidade do discurso, assim como o engajamento. Pariser (2011) oferece um exemplo da consequência da circulação de mensagens no campo digital, ao afirmar que pessoas expostas a notícias sobre poluição passaram a considerá-la o segundo problema mais importante dentro de seis outros problemas apresentados, enquanto pessoas não expostas a ela o classificaram em quinto lugar. Isso demonstra a capacidade da formação de bolhas digitais para direcionar o modo como os usuários enquadram a realidade e seus problemas. No mesmo sentido, pessoas confrontadas em duas ocasiões com frases verdadeiras e falsas ficaram mais inclinadas a considerar como verdadeiras aquelas que eram repetidas em várias ocasiões (Pariser, 2011).

---

5 O *Gephi* é um pacote de software de código aberto e gratuito para visualização, análise e manipulação de redes e grafos. Para mais detalhes acessar: <https://gephi.org>

## ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO

Dentre os tuítes das redes de apoio ao uso da cloroquina<sup>6</sup> no combate à Covid-19, foram selecionados os 25 tuítes que receberam mais retuítes em cada período, contabilizando 50 mensagens no total, os quais foram submetidos à codificação, tendo por base um debate teórico metodológico de enquadramento interpretativo,

Enquadramentos interpretativos são o conjunto de princípios que organizam a apreensão de acontecimentos sociais específicos, assim como a forma pela qual os atores agem subjetivamente frente a estes acontecimentos (Tarrow, 2009). Eles só podem existir se compartilhados coletivamente, assim os quadros interpretativos não podem ser entendidos como meras junções de indivíduos e seus ideais (Snow e Benford, 1988), uma vez que se formam a partir do compartilhamento negociado de ideias e ações.

Para Snow e Benford (1988), a análise de enquadramento possibilita compreender como as interpretações sobre o mundo promovidas pelos atores se alinham e promovem “cenários”, entendidos como conjunto de significações com o potencial de angariar apoio e desmobilizar antagonistas<sup>7</sup>.

Para o estudo de enquadramento, o projeto parte do entendimento das molduras interpretativas propostos por Johnston e Alimi (2013), que entendem que os atores envolvidos são os *primary frameworks*, apreendidos a partir de três componentes discursivos: o “sujeito”, que abarca a identidade coletiva; o “verbo”, que diz respeito as ações e interações; e o “objeto”, que se refere a quem se direciona a ação.

A relevância em se aplicar uma análise de enquadramento interpretativo aos discursos daqueles que se auto intitulam bolsonaristas consiste na possibilidade de identificar os mecanismos relacionais, cognitivos e afetivos por meio dos quais as entradas contextuais são filtradas e adquirem significado (Caiani & Della Porta, 2018). Sendo assim, é possível identificar os quadros através dos quais os atores que se dizem bolsonaristas constroem e comunicam suas realidades externas, o que lhes serve de partida para o diagnóstico de problemas comuns e para a mobilização de estratégias e ações.

---

6 Como o termo “cloroquina” é popularmente mais utilizado do que “hidroxicloroquina”, optou-se pelo uso do primeiro. No artigo os termos “cloroquina” e “hidroxicloroquina” serão utilizados como sinônimos, assim como apareceu nos tuítes analisados e nas falas do atual presidente da república brasileira. No entanto, é preciso ressaltar que, em termos médicos, são fármacos distintos.

7 Os quadros interpretativos não podem ser entendidos, segundo Snow e Benford, como meras junções de indivíduos e seus ideais, pois os quadros se formam a partir do compartilhamento negociado de ideias e ações, de modo que uma situação seja compreendida como injustiça (Ganson 1992).

## A METODOLOGIA

A pesquisa utilizou um *dataset* formado por 10.000 tuítes, extraídos através do software *Facepager*<sup>8</sup>, utilizando como parâmetro o termo “cloroquina”. O Twitter foi escolhido como o ambiente de estudo por ser um espaço de disputa discursiva, além de ser a principal plataforma digital utilizada pelo governo federal. Para a limpeza e classificação, os tuítes foram divididos em “a favor da cloroquina”, “contrário a cloroquina” e “indefinido”, tendo por critério de seleção o conteúdo verbal e imagens presentes. Quando o tuíte apenas mencionava a palavra “cloroquina”, sem algo que pudesse direcionar um posicionamento a respeito de seu uso ou eficácia, tal mensagem era classificada como indefinida.

O processo de extração de dados ocorreu em dois períodos: 06 de julho de 2020, dia no qual Donald Trump publicou várias mensagens no Twitter defendendo a cloroquina<sup>9</sup>, relacionando a queda de mortes por Covid-19 nos EUA ao uso deste medicamento; e 08 julho de 2020, um dia após Jair Bolsonaro ser diagnosticado com Covid-19, quando os jornais divulgaram reportagens sobre o presidente brasileiro estar realizando dois eletrocardiogramas por dia para se precaver contra supostos efeitos colaterais do uso de hidroxicloroquina<sup>10</sup>.

Estas duas datas foram selecionadas por apresentarem dois momentos diversos com relação à defesa da cloroquina. Dada a repercussão dos tuítes de Donald Trump nas redes sociais e nos canais do *YouTube* no Brasil, a expectativa era encontrar uma movimentação mais intensa dos defensores da cloroquina no Twitter. Já no dia 08, com a forte movimentação dos veículos mediáticos em apontar os possíveis efeitos colaterais do uso do medicamento, a expectativa era encontrar um movimento maior dos que se opõem ao uso da cloroquina no combate da Covid-19.

Segundo a teoria de Johnston e Alimi (2013), para realizar uma análise dinâmica sobre o enquadramento, é importante ligar as variações do quadro a fatores exógenos no ambiente político, isto é, levar em consideração mudanças na estratégia organizacional e de oportunidades, assim como ameaças políticas. O objetivo aqui, portanto, é analisar as redes em dois momentos que apresentam contextos distintos, a fim de verificar se há alguma variação no comportamento destas redes, assim como nos enquadramentos mobilizados.

---

8 Desenvolvida por Jünger e Keyling (2018), o software *Facepager* é uma aplicação para recuperar dados genéricos por meio de APIs.

9 <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/trump-cloroquina-mortes-covid-19.html>

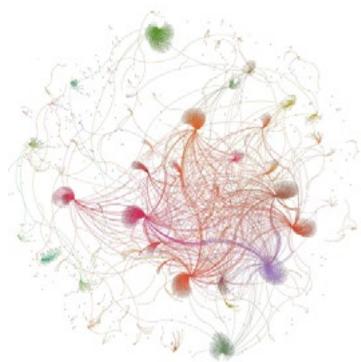
10 <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-faz-dois-exames-cardiacos-por-dia-para-monitorar-possiveis-efeitos-colaterais-de-hidroxicloroquina-24522540>.

Para a organização e análise dos dados, a pesquisa utilizou como método a *codificação*<sup>11</sup>, que consiste em processos heurísticos, exploratórios e analíticos de solução de problemas. A partir disso, os dados são divididos, conceitualizados e integrados para formar uma teoria (Saldaña, 2009), adotando como metodologia a *grounded theory* (GT), também conhecida como teoria fundamentada em dados.

Dentre as metodologias de codificação, a *grounded theory* (GT) é utilizada para desenvolver pesquisas fundamentadas no objeto empírico e tem por principal finalidade a criação de novas teorias (Strauss & Corbin, 2008). Esse aspecto torna a GT essencialmente importante para as pesquisas na área das mídias digitais (Fragoso *et al*, 2013), que, por serem relativamente novas, ainda carecem de teorias que consigam compreendê-las em sua amplitude e diversidade.

## O COMPORTAMENTO DAS REDES

Ao analisarmos apenas os tuítes extraídos no dia 06 de julho, foi possível observar a prevalência de tuítes a favor do uso da cloroquina no combate à pandemia de Covid-19 (64%), o que é representado pela área mais concentrada do grafo abaixo, localizado no centro da figura 1. Os tuítes contrários ao uso da cloroquina são 24% do total e estão representados pela área periférica do grafo.



**Figura 1.** Rede de tuítes contra e a favor do uso da cloroquina no combate da Covid-19, coleta 04 de julho. Fonte: coleta 04 de julho, Elaboração própria, a partir do software *Gephi*.

Com relação ao grafo, foi possível observar uma intensa movimentação de mensagens sobre a cloroquina. Ao se calcular o coeficiente de clusterização da

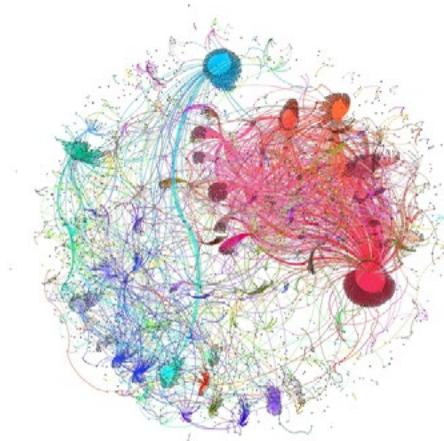
---

<sup>11</sup> Para a organização e codificação do material foi utilizado o software *ATLAS.ti*. O *ATLAS.ti* é um software utilizado em pesquisa qualitativa para auxiliar na análise e interpretação de dados, tendo sido desenvolvido com base na *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 2008), mas não restrito a esta metodologia. O *ATLAS.ti* oferece recursos que facilitam o processo de exploração dos dados para dar suporte a uma construção teórica. Para mais detalhes acesse: <http://atlasti.com/manuals-docs/>

rede contra a eficácia da cloroquina no combate à pandemia, métrica que permite verificar o quão agrupados os nós estão entre si, o valor encontrado foi de 0,927. Já nas redes a favor da eficácia da cloroquina no combate à Covid-19, o coeficiente de clusterização foi de 1,233. Isso mostra que os nós da rede a favor da cloroquina possuem mais conexões entre si, se comparada à rede dos que se posicionam contra a cloroquina.

Já na coleta realizada no dia 08 de julho, um dia após o presidente do Brasil ter sido diagnosticado com Covid-19, encontrou-se uma preponderância maior de tuítes contrários a cloroquina, o que tem como uma das explicações o fato de neste dia a imprensa ter publicado diversas reportagens afirmando que Jair Bolsonaro realizava dois eletrocardiogramas por dia, a fim de se precaver contra os efeitos colaterais da cloroquina.

Ao calcular-se o coeficiente de clusterização das redes neste segundo período, obteve-se os seguintes índices: 0,988 na rede crítica da eficácia da cloroquina no combate à pandemia e 1,215 na rede de apoio à cloroquina. O grafo a seguir mostra o comportamento destas redes:



**Figura 2.** Rede de tuítes a favor e contra ao uso da cloroquina no combate à Covid-19, coleta 07 de julho. Fonte: Elaboração própria, a partir do software *Gephi*.

A parte mais concentrada da imagem (em tons mais avermelhados) representa os tuítes a favor da cloroquina, mostrando a presença de um grupo compacto. Portanto, apesar do número de tuítes contra a cloroquina ser em maior número, os nós da rede dos apoiadores da cloroquina estão mais agrupados, indicando a presença de *clusters*, grupos de nós que se citam mutuamente (Recuero, Bastos e Zago, 2015). Desta forma, mesmo que as mensagens contra a cloroquina tenham

sido em maior número no dia 08, elas não reverberam tanto no interior dessa comunidade quanto as mensagens de apoio ao uso da cloroquina.

O processo de reverberação da mensagem é importante para a criação de um ambiente de pertencimento e engajamento (Nunes, Lud, Pedron, 2018). Isso possibilita o chamado *efeito câmara de eco* (Shah e Kumar, 2018), o qual permite que uma opinião ou narrativa seja reverberada até que a quantidade de acesso e compartilhamento, mais do que a adequação aos fatos, garanta a legitimidade de uma informação. O *efeito câmara de eco* fortalece e é fortalecido pelo *viés de confirmação*, isto é, a propensão de se confiar na própria perspectiva: “a tendência do observador de procurar ou interpretar informações de forma que estas confirmem concepções próprias” (Nunes, Lud e Pedron, 2018, p. 65).

Assim, mais do que uma troca de mensagens no interior de uma rede, a presença de *cluster* possibilita a mobilização de enquadramentos sobre a realidade, a negociação de significados e uma maior tendência de legitimação da mensagem: por isso, ela facilita a criação de um ambiente de pertencimento e de engajamento.

## OS ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS

A tabela ao lado apresenta os códigos e categorias formulados no processo de codificação dos 50 tuítes de apoio ao uso da cloroquina no combate à pandemia de Covid-19, os quais receberam mais retuítes (25 tuítes em cada período analisado). Os números expressos na tabela mostram a quantidade de vezes que os códigos apareceram na codificação.

A criação dos códigos e das categorias envolveu a análise prévia dos dados e o arcabouço teórico explicitado. A partir desse processo, foram encontradas sete categorias, a saber: Sujeito, Verbo, Objeto, Fala do Sujeito, Característica do Objeto, Emoção coletiva, Emoção sobre o objeto. As categorias *Sujeito*, *Verbo e Objeto* foram construídas em consonância com a teoria de Johnston e Alimi (2013) para se referir respectivamente a quem fala; às ações e interações presentes no enunciado; e a quem se direciona a ação.

A categoria *Fala do sujeito* diz respeito ao que o enunciador diz sobre o grupo do qual pertence, ou seja, como o caracteriza. Já a *Característica do Objeto*, diz respeito ao modo como o enunciador caracteriza o objeto (entendido a partir da oposição “nós”, “eles”). A *Emoção Coletiva* diz respeito às emoções que o enunciador procura incitar em seus pares, a fim de gerar identidade, isto é, a noção de um “nós” (identidade coletiva). É importante ressaltar que a noção de identidade é um fator constitutivo dos processos de mobilização (Melucci, 1995). A categoria

**Tabela 1.** Códigos e categorias dos discursos dos apoiadores de Bolsonaro sobre o uso da cloroquina no combate da pandemia de Covid-19, período de 06 e 09 de julho de 2020.

Categorias						
SUJEITO	VERBO	OBJETO	FALA DO SUJEITO	CARACTERÍSTICA DO OBJETO	EMOÇÃO COLETIVA	EMOÇÃO SOBRE O OBJETO
Defensores da cloroquina (23)	Combater (23)	Opositores da cloroquina (16)	Objetivo de salvar vidas (17)	Culpa pelo aumento de mortes por Covid-19 (12)	Confiança (laços afetivos) (30)	Desconfiança (laços afetivos) (25)
Apoiadores de Bolsonaro (17)	Desmascarar (22)	Opositores políticos (13)	Relato de casos de sucesso (10)	Manipulação (12)	Admiração (emoção moral) (6)	Indignação (emoção moral) (23)
Opositores de Doria (2)		Mídia opositora (5)	Bolsonaro está certo/é sincero (9)	Opressão/abuso de poder (8)	Orgulho (emoção moral) (5)	Raiva (emoção reflexa) (4)
		Esquerda (4)	Sofre perseguição (6)	Corruptos (8)		
		PT (4)	Base científica (6)	Hipócritas (5)		
		STF (1)	Desmascarar a corrupção (4)	Contra os valores tradicionais (1)		
			Medidas da OMS não funcionam (3)			
			Defesa dos valores tradicionais (1)			

Fonte: Elaboração Própria

*Emoções sobre o Objeto*, por sua vez, diz respeito ao sentimento que o enunciador procura provocar em seus pares ao se referir ao “eles” (grupo do qual se fala).

Para estudar como o enquadramento é mobilizado nos discursos em defesa da cloroquina no combate da Covid-19 optou-se por iniciar com a categoria *Verbo* (que possui os códigos “combater” e “desmascarar”), a partir da qual se procedeu a análise dos demais códigos e categorias. A escolha por iniciar a análise pelo *Verbo* se pauta na teoria de Johnston e Alimi (2013), que busca examinar os processos de negociação e conflito tendo por base os processos dinâmicos de enquadramento, entendido como um verbo, em vez de uma “coisa” (substantivo).

### VERBO: COMBATER

Na análise do verbo “combater”, ao utilizarmos a noção de esquemas primários proposto por Johnston e Alimi (2013) encontramos o seguinte resultado: (a) Sujeito: apoiadores de Bolsonaro (coocorrência<sup>12</sup> de 0,38) e defensores da cloroquina (coocorrência<sup>13</sup> de 0,28); (b) Verbo: combatem (ação); Objeto: opositores políticos (coocorrência de 0,38).

Nos discursos, a justificativa do combate (ação de “combater”) se fundamenta, principalmente, na noção de injustiça, representada por duas características enunciadas do objeto (categoria *Característica Objeto*): (a) “culpa por aumento de mortes por Covid-19”. Neste caso, ao se relacionar o verbo “combater” com este código encontrou-se um grau de coocorrência de 0,38; (b) “opressão/abuso de poder”. Ao relacionarmos este código com o verbo combater encontramos um grau de coocorrência de 0,29.

Com relação às emoções, o verbo combater teve maior ocorrência nos tuítes que procuravam provocar “indignação”, com grau de coocorrência de 0,53; e “desconfiança”, com grau de coocorrência de 0,33 (códigos presentes na categoria *Emoção sobre o Objeto*).

É interessante perceber que os códigos “indignação” e “desconfiança” apareceram por várias vezes juntos, apresentando grau de coocorrência de 0,41. O que denota que os discursos analisados buscavam causar indignação perante a ação ou omissão dos grupos opositores (noção de injustiça), além de gerar desconfiança

---

12 O coeficiente de coocorrência mostra a frequência com que os códigos estão relacionados. É um número entre 0 e 1. Quanto maior ele for mais forte é a relação entre os dois códigos. Segundo os padrões do Atlas.ti uma correlação com coeficiente acima de 0,2 é considerada forte.

13 Neste momento, o coeficiente de coocorrência diz respeito à relação entre o verbo “combater” e os códigos apresentados, a saber, “apoiadores de Bolsonaro”; “defensores da cloroquina”; “opositores políticos”.

sobre os atos e falas destes grupos. O objetivo aqui é desacreditar o discurso do opositor, mostrando suas manipulações e supostos interesses ocultos.

Ao mesmo tempo que geram desconfiança sobre o objeto, os tuítes buscaram fortalecer a confiança no sujeito, afirmando que “Jair Bolsonaro estava correto”, tanto ao afirmar que a cloroquina funciona, quanto em atacar os opositores, sendo que o objetivo último do presidente seria “salvar vidas”. Esta análise é confirmada quando se relaciona o verbo em questão com o código “Bolsonaro está certo” (categoria *Fala do sujeito*), o que gera um grau de coocorrência de 0,33 e, quando associado ao código “objetivo de salvar vidas” (categoria *Fala do Sujeito*), o grau de coocorrência é de 0,38.

O quadro que se procura construir é que os opositores políticos de Jair Bolsonaro, através do abuso de poder, obrigam a população a certas ações e proíbem outras, sendo, portanto, responsáveis pelo aumento de mortes de brasileiros por Covid-19. Assim, enquanto o fim último do presidente brasileiro é salvar vidas, o de seus opositores é a corrupção (grau de coocorrência dos códigos “combater” e “corrupção” foi de 0,24). Por isso, esses opositores políticos precisam ser combatidos.

Ao se relacionar o enquadramento construído com as falas do atual presidente brasileiro sobre a cloroquina entre os dias 19 de março<sup>14</sup> – primeira menção pública de Jair Bolsonaro em defesa do medicamento no combate da Covid-19 – e 08 de julho (período final de análise da pesquisa), observamos que no dia 22 de maio, Jair Bolsonaro afirmou, em sua página do Facebook<sup>15</sup> que embora a cloroquina não tivesse comprovação científica, era sabido que ela seria recomendada por muitos médicos com sucesso<sup>16</sup>. Afirma também que, mesmo diante do potencial do medicamento, o PT (Partido dos Trabalhadores) questionou o protocolo da cloroquina no TCU (Tribunal de Contas da União). Diante disso, o presidente brasileiro conclui que o PT não quer que os mais pobres tenham a oportunidade de se salvar através do uso da cloroquina

Aqui presenciamos o mesmo enquadramento encontrado nos tuítes: os políticos de oposição que supostamente não estariam interessados em lutar para salvar vidas e, por isso, seriam responsáveis por mortes de brasileiros que poderiam ser evitadas.

---

14 Live de quinta-feira com o Presidente Bolsonaro (19/03/2020): [https://www.youtube.com/watch?v=hHOJhakIwfo&feature=youtu.be&fbclid=IwAR13WhWSjnEG9BeDs1RRXzEwxNjagDmi\\_joRdX69SuZVp3h5SCtaYzkJgzw](https://www.youtube.com/watch?v=hHOJhakIwfo&feature=youtu.be&fbclid=IwAR13WhWSjnEG9BeDs1RRXzEwxNjagDmi_joRdX69SuZVp3h5SCtaYzkJgzw)

15 Ver em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1935941096554867>

16 Afirmação que não possui fundamento, vez que não há estudos que mostrem o número de médicos que utilizam cloroquina e o potencial de eficácia dela nestes casos.

Uma outra estratégia presente no discurso do chefe do executivo brasileiro com o objetivo de desacreditar a fala de seus opositores foi colocar em dúvida a confiabilidade dos protocolos da OMS (Organização Mundial de Saúde) no combate à pandemia de Covid-19. No dia 05 de junho, por exemplo, em entrevista com jornalistas<sup>17</sup> e no dia 18 de junho, durante uma das lives de quinta-feira<sup>18</sup>, o presidente da república afirmou que a OMS havia voltado atrás a respeito da cloroquina<sup>19</sup>, afirmação que pode causar a impressão de que o órgão em questão não possui uma posição firme sobre o uso do medicamento, semeando a desconfiança<sup>20</sup>. É interessante notar que críticas ao protocolo da OMS também estiveram presentes nos tuítes analisados (dentro da categoria *Fala do sujeito*), mas com menor relevância, apresentando grau de coocorrência de 0,13 com o código “combater”.

### VERBO: DESMASCARAR

Ao analisar o código “desmascarar” a partir dos esquemas primários proposto por Johnston e Alimi (2013), encontramos o seguinte resultado: (a) Sujeito: os defensores da cloroquina (coocorrência de 0,50); (b) Verbo: desmascaram (ação); (c) objeto: tanto o falso discurso dos “opositores da cloroquina” em geral (a coocorrência do verbo com o código foi de 0,50), quanto da “mídia opositora”, em específico (grau de coocorrência de 0,23).

Ao se analisar o que os discursos falam sobre o objeto, a característica principal que aparece é a “manipulação” (grau de coocorrência de 0,31). Aqui observamos também a noção de injustiça como fundamento da ação, afinal é preciso desvelar as falsidades e manipulações dos discursos para que a população não seja enganada e acabe escolhendo ou votando nos manipuladores.

O verbo desmascarar apareceu ligado à desconfiança (“emoção sobre o objeto”), com grau de coocorrência de 0,47. O objetivo é desacreditar o discurso, desmascarando os fatos e gerando desconfiança sobre as futuras ações do grupo opositor. É interessante observar que nas redes sociais a noção de injustiça, ligada à desconfiança, ganha mais um ingrediente, a acusação de que o outro está produzindo

---

17 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=53Srgd7TnW8>.

18 Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=EBDKIJu7Z9E&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=EBDKIJu7Z9E&feature=emb_logo).

19 Ver em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/03/oms-anuncia-que-vai-retomar-testes-com-hidroxiclороquina-para-covid-19.ghtml>.

20 O que o discurso de Jair Bolsonaro não explicou foi o fato de que em 25 maio o órgão ter suspenso temporariamente as pesquisas sobre o medicamento dado um estudo publicados pela Lancet, que apontou que pacientes submetidos a este medicamento tinham mais chances de morrer. No entanto, no dia 02 de junho, a revista manifestou que existiriam dúvidas sobre os dados publicados, e por isso, o painel da OMS decidiu pela retomada dos estudos.

desinformação e, portanto, o discurso do oponente<sup>21</sup> não deve nem ao menos ser levado em consideração, aniquilando qualquer possibilidade de debate.

Ainda dentro do código “desmascarar”, quando se trata da categoria *Fala do Sujeito*, ou seja, como o sujeito se caracteriza, o código com maior incidência é o que afirma que o discurso de defesa da cloroquina no combate da pandemia se baseia em dados científicos (“base científica”), com coocorrência de 0,27. O segundo código que mais se apareceu foi “sofre perseguição”, com coocorrência de 0,22. Quando se trata da emoção que os discursos procuraram gerar no interior do grupo, o código mais acionado foi “confiança” (grau de coocorrência de 0,49), assim como já havia ocorrido com o verbo “combater”.

O quadro que se procura construir é que a defesa do uso da cloroquina tem suporte científico. No entanto, os opositores deste medicamento, principalmente a mídia, com o objetivo de manipular a população, criam falsos discursos sobre o medicamento. E os que procuram mostrar as falsidades vinculadas pelos opositores são perseguidos. Por isso, os discursos dos opositores precisam ser desmascarados.

Ao se relacionar o enquadramento citado acima com as falas de Jair Bolsonaro sobre as pesquisas que suportam o uso da cloroquina no combate da Covid-19, encontramos que, no dia 29 de março, o chefe do executivo brasileiro<sup>22</sup>, em fala com a imprensa, ressaltou a existência de um estudo francês que comprovava a viabilidade do uso deste medicamento na cura da Covid-19. No entanto, o estudo recebeu diversas críticas por parte da comunidade acadêmica, que o acusavam de não utilizar metodologias adequadas. O objetivo do presidente, ao citar estudos científicos, é fortalecer a confiança no uso e nos discursos de defesa da cloroquina.

Assim como exposto nas análises anteriores, o objetivo dos discursos de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores é criar enquadramentos explicativos capazes de ampliar a confiança na legitimidade do discurso. Isso ocorre para a fortalecer a percepção de que o objetivo das pesquisas que atestam a viabilidade do uso da cloroquina no combate da pandemia de Covid-19 é salvar vidas, objetivo esse que seria compartilhado por Jair Bolsonaro.

É interessante observar que o aumento da defesa da cloroquina por parte do chefe do executivo brasileiro, após contrair Covid-19, fez com ele recebesse mais críticas por parte da mídia dita tradicional (em geral telejornais e jornais impressos), o que levou os seus apoiadores a intensificarem os discursos de perseguição a esses veículos de imprensa. Tanto que entre os tuítes mais compartilhados no dia 04

---

21 Optamos por utilizar o termo “opponente”, para enfatizar o campo de estudo deste projeto, permeado pela polarização e construção de inimigos e não adversários.

22 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=buvL3uZ9CcM>.

de julho, a mídia não apareceu como objeto, já no dia 08 de julho o código “mídia opositora” (categoria *Objeto*) e “sofre perseguição” (categoria *Fala do sujeito*) ganharam preponderância.

É possível afirmar, tendo por base os dois períodos analisados, que os discursos de defesa da cloroquina procuram incitar a percepção de que aqueles que se opõem a este medicamento no combate à pandemia de coronavírus não se fundamentam na ciência, mas usam os argumentos científicos para camuflar interesses próprios. E mais, o grupo de defesa da cloroquina se vê perseguido por estes supostos aproveitadores da dor alheia, sendo que a perseguição ocorre tanto no campo político (a suposta perseguição sofrida por Jair Bolsonaro e promovida pelos opositores políticos)<sup>23</sup>, assim como pela ação da mídia – denominada pelo grupo bolsonarista de “golpista” - que teria por função dar credibilidade ao falso discurso dos opositores.

## CONCLUSÃO

A partir da análise de rede dos tuítes foi possível comprovar que a rede de apoio à cloroquina, no período analisado, é mais *clusterizada* – ou seja, os nós estão mais agrupados – do que na rede que se opõe ao uso da cloroquina no combate à Covid-19.

Igualmente, ficou claro que há uma ligação muito estreita entre “defensores do uso da cloroquina” e “apoiadores do atual governo brasileiro”, ou seja, defender a cloroquina aparece como sinônimo de apoio ao governo, o que confirma a hipótese de que a defesa da cloroquina, para além de argumentos técnicos, diz respeito a uma escolha política.

Desse modo, os discursos sobre os medicamentos citados vêm repetindo o mesmo maniqueísmo que hoje marca o campo político no Brasil: ser contrário ou favorável ao seu uso, para além da competência técnica da substância, fala de vinculações políticas. Os resultados obtidos confirmam, portanto, as duas hipóteses levantadas no artigo.

Para criar engajamento (retuítes, *likes*, compartilhamentos e reações), os atores dos tuítes analisados usaram duas principais estratégias na promoção da visibilidade e, conseqüentemente, da legitimidade do discurso: a) a criação de molduras interpretativas a partir da identificação de protagonistas e antagonistas (Ruggiero, 2005), com o objetivo de adquirir consistência explicativa e

---

<sup>23</sup> Dentre as 5 aparições do código “sofre perseguição”, houve três referências à “mídia opositora”, uma ao “PT”, uma aos médicos que se recusam a prescrever cloroquina (“opositores da cloroquina”).

poder emocional (della Porta, 2008), assim como justificar a escolha da linha de ação (verbos “combater” e “desmascarar”); b) a mobilização da noção de injustiça, utilizada tanto para caracterizar o oponente, quanto para justificar uma forma de ação (o verbo). O objetivo é gerar desconfiança ou mesmo indignação no receptor da mensagem ao mesmo tempo que se estimula a confiança no interior do grupo onde este discurso circula.

Dentre os resultados obtidos, foi possível constatar que o objetivo dos grupos de apoiadores de Bolsonaro era criar a falsa percepção (enquadramento da realidade) de que existiria um complô contra a cloroquina, formado por grupos de opositores que teriam por objetivo principal promover interesses próprios, assim como atacar o presidente brasileiro. Isso tudo sem se preocupar com os fundamentos científicos ou o bem-estar da população, de modo a que esses grupos seriam os verdadeiros responsáveis por acarretar mortes evitáveis.

Estamos diante de um processo de criação de desinformação (Recuero e Socares, 2020), ou seja, um falso enquadramento dos fatos, mobilizado para gerar emoções, capazes de levar o interlocutor a sustentar um certo ponto de vista e a replicar o discurso. A partir disso, é interessante que futuras pesquisas aprofundem a temática da desinformação a fim de averiguar quais os principais enquadramentos desinformativos produzidos pelos atores que se denominam bolsonaristas, assim como para analisar quais as características dos nós mais influentes.

## REFERÊNCIAS

- ABELIN, Pedro Henrique T. (2020) *Comunicação populista: uma proposta analítica a partir do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja*. Dissertação (mestrado em Ciência Política). Brasília. Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Brasília.
- AMADEU, Sérgio. (2015) *Direita nas redes sociais online*. In. *Direita, volver!/: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Cotas (organizadores). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- BOYD, Dana e CRAWFORD, Kate. (2012). *Critical questions for big data*. Information, Communication & Society, 15:5, p. 662-679
- CAIANI, M & DELLA PORTA, (2018) *D. The Radical Right as Social Movement Organizations*. In *The Oxford handbook of the radical right*. [edited by] Jens Rydgren. Description: New York City: Oxford University Press.
- CAIANI, M; DELLA PORTA, D; WAGEMANN, C. (2010). *Extreme Right and Populism: A Frame Analysis of Extreme Right Wing Discourses in Italy and Germany*. IHS Political Science Series No. 121.

- CESARINO, Letícia. *Identidade e representação no bolsonarismo*. In: Revista de Antropologia, São Paulo, n. 62 (3), 2019.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- JOHNSTON, H. & ALIMI, E. Y. (2013). *A methodology analyzing for frame dynamics: The grammar of keying battles in palestinian nationalism*. Mobilization: na International Quarterly, 18(4), 453–474.
- KALIL, Isabela. (2018). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Disponível em <https://www.fespsp.org.br/>. Acesso em abril de 2021.
- KAYSEL, André. (2015). *Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras*. In *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Cogas (organizadores). – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- MELUCCI, A. *Getting involved: identity and mobilization in social movements*. International Social Movements Research, vol. 1, 1988.
- MELUCCI, Alberto (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001
- MIGUEL, L.F. (2018) *A reemergência da direita brasileira*. In: SOLANO, Ester. O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo.
- MONTEVECHI, Camila. (2021) *Ativismo Anticorrupção no Brasil e a Teoria dos Movimentos Sociais*. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online], n.34.
- NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio M.; CHAGURI, Mariana M. (2019) *O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família*, 10/2019, Científico Nacional, 43º Encontro Anual da Anpocs, Vol. 1, pp.1-3, Caxambu, MG, BRASIL, 2019.
- PARISER, E. (2011). *The filter bubble: What the Internet is hiding from you*. Penguin UK.
- RECUERO, R.; GRUZ, A. (2019) *Cascatas de Fake News Políticas: Um estudo de caso no Twitter*. GALÁXIA (PUCSP), v. 41, p. 31-47, 2019.
- RECUERO, R; BASTOS, M; ZAGO, G. (2015) *Análise de redes para a mídia social*. Porto Alegre: Suline.
- ROCHA, Camila. *Menos Marx, Mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira*. Tese (doutorado). São Paulo, 2018.
- RUGGIERO, V. (2005) *Brigate Rosse: political violence, criminology and social movement theory*. Crime, Law and Social Change, 43, 289-307.
- SALDAÑA, J. (2009). *An Introduction to Codes and Coding, in The Coding Manual for Qualitative Researchers*. Reino Unido: SAGE Publications, Incorporated.

- SHAH, N & KUMAR, L. (2018). *False Information on Web and Social Media: A Survey*. Arxiv. Social Media Analytics: Advances and Applications, 1 (1).
- SILVA, Ederson Duda da. *As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo* (2013-2016). *Conversas e Controvérsias*, v. 5, n. 1, p. 75-95, jan-jun. 2018.
- SOARES, F.; RECUERO, R. (2020) *O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso*, EC, set.
- SOLANO, E. G. (org.). (2018) *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. SOLANO, E. (2019) *A bolsonarização do Brasil. Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v., p. 307-322.
- STRAUSS, A., CORBIN, J. (2008) *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- SNOW, D. A.; BENFORD, R. D. (2000). *Framing processes and social movements: an overview and assessment*. *Annual Review of Sociology*, n. 26, p. 611-639. 2000.
- TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves Teixeira. *Protestos à direita no Brasil (2007-2015)*. In *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel, Gustavo Codas (organizadores). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- TILLY, Charles. *Movimentos sociais como política*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010.
- TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e confronto político*, Petrópolis, Editora Vozes, 2009[1998].
- VILAÇA, Luiz; VON BÜLOW, Marisa; ABELIN, Pedro. (2015) *Aprendendo a usar o Facebook: o movimento estudantil no Chile e o ativismo digital*. Encontro Anual da ANPOCS, 39., 2015. Caxambu. Anais. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
- VON BULOW, M. e Dias, T. (2019) *O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff*, *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online].